

“SOMOS TÃO JOVENS”: SONHOS, MEDOS E ANSEIOS DO ESTUDANTE CAPIXABA DE ENSINO MÉDIO

BARBOSA, Risya Carvalho¹
SALIM, Maria Alayde Alcântara²

Resumo

A presente pesquisa visa responder a seguinte pergunta: “Quais são os sonhos, medos e anseios do estudante brasileiro do Ensino Médio?”. Diante desta problemática optou-se por uma pesquisa fundamentada em autores considerados relevantes para o meio educacional fazendo uso principalmente de artigos acadêmicos, à luz do tema central “Aflições e sonhos dos adolescentes enquanto membros de um cotidiano escolar”. A criança que adentra o ensino médio, não está conquistando apenas etapas educacionais, mas ampliando a sua formação psíquica e social, pois abandona-se as brincadeiras infantis e alcança-se a puberdade. Para responder às questões de estudo, com o objetivo de analisar estudantes através de um questionário com perguntas discursivas, que foram entregues aos alunos de uma escola pública de Ensino Médio. E, visando preservar as identidades dos envolvidos neste estudo, os alunos de 1º e 3º ano participantes da pesquisa receberam nomes de personagens fictícios. Acredita-se que não é possível encontrar uma receita pronta a entregar a estes estudantes sonhadores de seus futuros, entretanto com esta abordagem observou-se que é preciso intervenções da escola, que apesar das indisposições, possa reforçar a importância da educação, pois acredita-se que ela é uma chave que abre portas de possibilidades, e modifica assim realidades.

Palavras-chave: Sonhos. Medos. Adolescência. Ensino. Médio.

¹ Professora do Departamento de Educação e Ciências Humanas e do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Educação Básica (DECH/PPGEEB/CEUNES/UFES). Doutora em Educação. Email: maria.salim@ufes.br

² Graduando (a) do curso de Pedagogia do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: risya.barbosa@edu.ufes.br

Introdução

A presente pesquisa visa responder a seguinte pergunta: “Quais são os sonhos, medos e anseios do estudante brasileiro do Ensino Médio?”. Diante desta problemática optou-se por uma pesquisa fundamentada em autores cujos pensamentos são considerados relevantes para o meio educacional e psicológico fazendo uso principalmente de artigos acadêmicos, à luz do tema central “Aflições e sonhos dos adolescentes enquanto membros de um cotidiano escolar”.

Para responder às questões de estudo, com o objetivo de analisar estudantes através de um questionário com perguntas objetivas e discursivas, que foram entregues aos alunos de uma escola pública de Ensino Médio localizada na cidade de Pedro Canário, ao norte do Espírito Santo. E, visando preservar as identidades dos envolvidos neste estudo, os alunos de 1º e 3º ano participantes da pesquisa receberam nomes de personagens fictícios, mas condizentes com os seus relatos. Consideramos também que esta realização envolve alunos de culturas, idades, situações econômicas e, principalmente, famílias diferentes. A ideia aqui é mostrar o quão peculiar e singular pode ser a adolescência, afinal esta é considerada pela sociedade contemporânea como um rito de passagem, a vida sendo o rio fluído onde as crianças passariam de um caminho para ao outro lado chegarem adultas, contudo nem sempre é citado que o chão pode ser íngreme e, a água turva e traiçoeira. O educador Costa (2000) já dizia que a vida é cheia de “travessias”, e por essas aventuras em águas inconstantes é preciso ter um olhar singular para o adolescente que queremos ver ocupar um espaço na sociedade.

Estes indivíduos chegam em um ambiente escolar novo, mais maduro e com regras estabelecidas, contudo não chegam como uma “tábua em branco”, como Arroyo (2003) nos diz que os adolescentes são sujeitos a caminho da escola portando saberes, vivências culturais e visão de mundo, com identidade e características próprias.

Eles possuem conceitos já estabelecidos no seio familiar e escolar, afinal como evidenciou Wallon (1972) as inter-relações sociais são imprescindíveis para o desenvolvimento humano e que as mediações das relações emotivo/sentimentais

será decisiva para se obter o fracasso ou sucesso escolar. Mas, antes de falarmos a respeito das consequências do viver escolar, é necessário entendermos o até então recém conceito intitulado “adolescência”, enquanto um crescimento relativo a um período íntimo na vida do sujeito, estando entre a infância e a idade adulta, possui o gênese na história Ocidental e seu sentido atual apenas consolidado no final do século XIX (Ariès, 1973). A construção social a respeito da adolescência pode ser destacada como:

A vivência da adolescência envolve o sujeito em descobertas, anseios, escolhas e desafios, e têm como consequência marcante sua reestruturação psíquica, bem como a mudança de seu papel na sociedade (Erikson, 1987; Cole e Cole, 2003; Santrock, 2003).

De certo, a passagem entre ser criança e ser adolescente é uma das fases mais importantes da vida humana e, está repleta de conflitos, onde a resposta para estes embates é o que caracteriza o indivíduo para a adultez. No período da adolescência despede-se dos brinquedos e, se persiste uma via de incertezas, vontades, ansiedades, medos e sonhos. E é com estes indivíduos pensantes, dotados de subjetividades, opiniões, sentimentos etc., que a escola dialogará.

Os adolescentes que possuem a oportunidade de ingressar no ensino médio são desafiados a pensar em um projeto de futuro, de certo, quando se está num período tão rico em nuances, vontades, deveres e anseios a tarefa de escolher o caminho a se trilhar pelo futuro torna-se um fardo, o mundo globalizado é repleto de adornos tecnológicos que oferece algumas ferramentas, tal testes de aptidão ou guia de profissões. A mente dos adolescentes acompanha a esse estilo de vida frenético que a sociedade capitalista em que vivemos incita, os segundos se passam e há muito o que pensar: as demandas da escola, o compromisso com a família, a atenção dos amigos, conflitos afetivos e do próprio pensamento. Como se refere Bolzan (2009):

Os sentidos implícitos das ações dos indivíduos formam parte do reservatório comum de sentidos de um grupo, o que nos leva a acreditar que os sentidos e significados da prática são intersubjetivos e estão carregados das construções individuais e coletivas (BOLZAN, 2009, p. 151).

“Cada ser é um universo” estava escrito num muro pichado, cada indivíduo está orbitando sob suas concepções, angústias e aspirações. O adolescente que chega para a escola não se apresenta apenas como “ser aluno”, mas com uma enorme

bagagem social, histórica e cognitiva; conhecimentos reunidos e moldados pela cultura em que estão inseridos (DANYLUK, 2001). E, essa equipagem será equilibrada com as demandas escolares; provas, atividades, trabalhos e, a ansiedade do futuro. Portanto, surgem a problemática de analisar previamente as suas expectativas, anseios e ambições e à medida que analisarmos, poderemos ter a chance de compreender os sonhos, medos, inquietações e vontades do jovem brasileiro presente em uma escola pública de Ensino Médio.

O ensino brasileiro possui um vasto acervo histórico, pois iniciou-se com a chegada dos colonizadores portugueses, a cerca de cinquenta anos após o processo de colonização instalam-se no país os padres jesuítas da Companhia de Jesus, até serem expulsos e a educação ficar a cargo de alguns professores indicados por bispos, que lecionavam algumas disciplinas. Em 1808, com a chegada da família real ao Brasil, Dom João limitou-se a criar cursos especiais, a maioria de nível superior, destinados a atender às novas necessidades, criadas no serviço público pela transferência da corte portuguesa (PILETTI, 1988). A escola mudou ao longo dos anos, passando por transformações institucionais e regulamentações. Assim como a própria escola, os alunos de trezentos anos atrás não são os mesmo que frequentam a escola nos tempos de hoje. O cenário educacional modificou-se ao passo de que seus ocupantes também agora usam outra roupagem.

2. Aspectos metodológicos

O presente estudo, delineado como uma pesquisa de campo e bibliográfica, visa realizar levantamento de quais são os sonhos, medos e anseios de estudantes capixabas do Ensino Médio. Este texto constitui-se também como uma pesquisa de campo em que Gonsalves (2001, p.67) discorre que

a pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...] (GONSALVES, 2001, p. 67).

Segundo Gil (2002, p. 65), uma pesquisa bibliográfica busca esclarecer um determinado problema partindo de referencial teórico divulgados em documentos. Analisando as contribuições de cunho científico ou cultural divulgadas anteriormente

que discorrem sobre determinado tema. Além da pesquisa bibliográfica foi utilizado um questionário entregue aos alunos via Google Forms, interessado no o que os alunos de primeiro e terceiro ano do Ensino Médio têm a dizer com suas experiências, expectativas, sentimentos, afeições e desafetos através de escritos, e, respeitando as suas identidades optamos por referi-los com nomes de personagens fictícios condizentes com as suas narrativas.

2.1 Anseios e perceptivas de um novo mundo

Quando estes adolescentes chegam a escola, não chegam sozinhos, mas trazem em si seus anseios e perspectivas de mundo. Estão dotados de questões próprias de história, vida e família, e logo se deparam com um novo ambiente escolar, que possui regras próprias e distintas das que já estavam acostumados. De certo, é um choque para estes indivíduos “Experiências novas e outras formas de aprendizado”, nos diz o Pequeno Príncipe. Outros estão surpresos pela conquista de uma nova etapa, pois carregam em si os sonhos de seus pais e familiares, pessoas que, às vezes, não tiveram a chance de regressar ao Ensino Médio. "Ainda não acredito que cheguei no ensino médio" diz Remy. Os sonhos permeiam os jovens desde crianças, quando usam a sua imaginação para as brincadeiras e, logo se tornam objetivos e desejos para o futuro. Portanto, os adolescentes que entrevistamos também possuem anseios, ora comuns a sociedade como se tornarem advogados, médicos, professores, de conquistarem um emprego, se formar na área em que desejam, serem independentes e não desistir do que buscam, ora outros sonham algo mais intrínsecos:

Meu sonho é de ser professora de libras pra pessoas surdas e mudas (Annie Sullivan).

Pretendo ter um café ou pelo menos ser bem conhecida como uma confeitadeira (Amélie Poulain).

Me tornarei uma grande dubladora. (Regina Bittar).

Tenho muitos sonhos, desde terminar o ensino médio a conhecer o mundo (Anne of Green Gables).

O sonhar é inerente ao jovem, pois é por seus sonhos que se trilhará um caminho ao futuro, contudo, há alunos que não se propuseram a sonhar, a imaginar o seu futuro,

“Ainda não pensei nisso” (Alice no país das maravilhas). E mesmo com a falta de um planejamento de vida, se faz mais do que necessário criar impulsos e inquietações a provocar nesses adolescentes ainda não sonhadores a vontade de pensar em seu futuro, a projetar um caminho caminhando. Contudo, entendemos também que o ato de sonhar não é feito sozinho, pois há a espreita durante a confecção dos sonhos, o medo e as aflições. Os “e se” estão sempre presentes, levando o sonhar para tão distante da realidade.

2.2 Medos e aflições

Wallon (1971) acredita que o medo opera os seres humanos numa reação inconsciente, tanto quanto prova nos animais. Como uma emoção inata, que adquirimos ao longo do desenvolvimento filogenético. Este sentimento possui o papel necessário durante uma situação de combate ou fuga, avisando internamente o corpo para a situação. Por isso, Wallon (1971, p. 79) resgata os usos do medo na construção do imaginário social, analisa que a manifestações das emoções possuem uso social. E, estes medos e aflições se personificam como uma voz a sussurrar nos ouvidos de adolescentes que sonham, afinal a incerteza do futuro pode ser assustadora, de forma que “A partir de agora é vida difícil” diz Charlie.

A apreensão dos adolescentes que chegam ao Ensino Médio não são os mesmos dos que estão a deixá-lo, caracterizam por receio de não conseguir acompanhar os demais, não se adaptar a um meio tão variante, de não se enturmar, não aprender o conteúdo ou não socializar com facilidade. O medo de não ser aceito por um grupo pode partir de uma baixa auto-estima, Costa (2000) acentua que a auto-estima é, talvez, a variável mais crítica, que afeta a participação exitosa de um adolescente com outros. Visto que adolescentes com baixa auto-estima desenvolvem mecanismos que distorcem a comunicação de seus pensamentos e sentimentos, estes dificultam a integração grupal. Contudo, a rejeição também é algo que pode ser notada e sentida:

Saber que tudo mudaria e ver como as pessoas estavam me tratando mal os meus colegas por eu ser diferente (Jean Grey).

Minha impressão foi de medo, de alguém ficar com preconceito com a minha cor, por uns ser mais inteligente que eu (Starr Carter).

Existe também o receio e a ansiedade por conta do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), prova orientada por dois vetores: Eixos Cognitivos e as Competências de área. O primeiro, comum a todas as áreas de conhecimento, corresponde a domínios da estrutura mental e funciona de forma orgânica e integrada às Competências de área. O segundo vetor organiza as Habilidades à luz das especificidades curriculares em cada uma das Áreas do Conhecimento (BRASIL, 2009-2010), a prova é uma das maiores preocupações apontadas pelos alunos do terceiro ano. Embora, o temor por atividades, avaliações e trabalhos são recorrentes pelos estudantes, pois

as aulas de química. Foi uma coisa nova, ainda mais que eu nem havia estudado 1% daquilo no ensino fundamental. Segundo que os professores cobram de mais (as vezes por coisas banais e sem precisão) como se eles nunca tivessem passado por aquilo antes, alguns são um tanto antipáticos (Neil Perry).

A escola é o ambiente em que os adolescentes passam boa parte do dia, convivendo com colegas, professores, coordenadores e diretores, em razão de “Ver que faltava somente 3 anos pra acabar escola algo que sempre foi parte da minha vida” (Xerife Woody). Repartem os dias, semanas e meses entre aulas e momentos de aprendizagem, mesmo que dos alunos entrevistados, 60% dos alunos confidenciaram estar sobrecarregados na escola e 72% revelou ter sentido palpitações, ansiedades, ataque de choro ou o sentimento de insignificância durante o Ensino Médio. Apesar desses sentimentos, existe 92% dos alunos afirmam se sentir seguro, e 96% relataram estar confortáveis no ambiente escolar, ainda exista 76% dos adolescentes entrevistados acreditam que a escola possui influência sobre seus acertos e fracassos.

2.3. Incertezas de um mundo já conhecido

De certo, os “e se” acompanham o ato de sonhar, pois o fracasso é o outro lado da moeda que onde também brilha o sucesso, embora o medo de falhar seja uma das preocupações dos adolescentes, quando pensam e planejam seus sonhos também imaginam as falhas destes:

Não conseguir realizar uma tarefa ou realiza-la de forma ruim (Alfredo Linguini).

Fracasso pra mim é não almejar e não buscar por conhecimento, futuro.(Natalia Arcury).

Quando a pessoa desiste daquilo que sonha ou sonhava (Andrea Sanchs).

Não conseguir realizar um desejo, por mais que a gente lute por isso. (Cinderela).

De não me dar bem com as pessoas em geral. (Dr. Shaun Murphy).

Não conseguir alcançar os sonhos, ou não realizar um desejo por mais que se lute por isso, é um medo comum entre os entrevistados. Estes jovens estão cientes do fracasso, e por vezes já o experimentaram, a concepção de não conseguir o que se almeja e desistir, também é considerado um fracasso. Porém, há a frustração escolar sentida pelo aluno, como “George O’ Malley” confidenciou “Ficar de recuperação em alguma matéria que eu tanto me esforcei”. O fracasso escolar é um tema abordado de diversas formas no meio acadêmico, e é vivido por jovens brasileiros cheios de sonhos, ansiedades e ambições. Segundo Tiballi (1998, p. 41) “a expressão ‘fracasso escolar’ tem sido usada para designar o aluno ou grupo de alunos que apresenta dificuldades em acompanhar o programa de ensino que lhe foi proposto pela escola”.

2.4 Sonhos de um futuro

Mesmo que sensíveis pelo medo do fracasso e de não “dar certo”, estes jovens ainda são capazes de continuar co-criando seus caminhos, eles ainda possuem a esperança de continuar a sonhar. A vida pós-Ensino Médio é sempre refletida, principalmente pelos estudantes do 3º ano. Analisam o estudo para o ENEM, vestibular, ingresso no mercado de trabalho e, na universidade, dos entrevistados 92% consideram escolher a ida para o ensino superior após a formatura. Os estudantes imaginam uma carreira após se despedirem da intensidade da adolescência e alcançar a adultez, eles planejam fazer cursos de qualificação profissional, um emprego que pague bem e uma vida estável. Embora, nem sempre esse momento de imaginação seja pacífico:

Imagino eu sem ter um rumo certo a tomar pois durante a escola vc so segue um caminho, que e o do estudo mais quando esse caminho acaba vc se encontra perdido em um deserto com varias direções que vc pode tomar e sem saber qual e a certa para sair daquele deserto e ir em direção ao seu sonho. (Cleopatra)

Embargados pelo conflito que é imaginar o futuro e analisar os caminhos para alcançar os sonhos, estes adolescentes são movidos pelas dúvidas, medos e aflições “Bom, não consigo imaginar em muitas coisas pois ainda tenho minhas dúvidas”, relata Nietzsche. Embora, mesmo tomado por incertezas, também possuem sensibilidade, pois refletem para além do sonho econômico, “penso logo em fazer o que me deixa feliz e não algo apenas para lucrar”, revela Christopher Gardner. Os adolescentes entrevistados, mesmo tomados por aflições características de suas idades, também possuem algo tão vívido e intenso: eles são tomados por esperança, é o que respondeu Dorian Gray “Dúvidas se é algo que vai dar certo ou não. Mas confiança por ter em mente o que quero”.

Considerações finais

Essa pesquisa buscou analisar os sonhos, medos e anseios de estudantes adolescentes do Ensino Médio, com o objetivo central em compreender suas reflexões, o que esperam do futuro e o que entendem como fracasso. Esta abordagem teve como principal alvo alunos e os limitou apenas ao 1º e 3º ano de uma escola estadual localizada em Pedro Canário - ES, e constatou que a problemática em debate necessita de mais discussões, pois ainda há um caminho a percorrer para que se perceba que adolescentes são indivíduos pensantes e dotados de subjetividades, e precisam ser escutados. Acredita-se que não é possível encontrar uma receita pronta a entregar a estes estudantes enquanto sonhadores de seus futuros, entretanto com esta abordagem observou-se que é preciso intervenções da escola e dos familiares instituindo uma rede de apoio, que apesar das indisposições, possam reforçar a importância da educação, pois acredita-se que ela é uma chave que abre portas de possibilidades, e modifica assim realidades. Sobretudo, destravando caminhos que levam aos objetivos e anseios destes adolescentes tão sonhadores, e tão esperançosos.

Referências

ARIÈS, P. (1973). **L'Enfant et la Vie Familiale sous l'Ancien Régime**. Paris: Editions du Seuil, 1973.

ARROYO, Miguel. **Uma escola para jovens e adultos**. Conferência – Reflexão sobre Educação de Jovens e Adultos na perspectiva da proposta de Reorganização e Reorientação curricular. São Paulo, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). **Relatório Pedagógico ENEM 2009 a 2010**. Disponível em:<<http://www.inep.gov.br/web/enem/edicoesanteriores/relatorios-pedagogicos>>. Acesso em: 20 mai.2015.

COSTA, A. C. G. **Protagonismo Juvenil : adolescência, educação e participação democrática**. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

Cole, M. e Cole, S (2003). **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. Porto Alegre: Artes Médicas.

DANYLUK, Ocsana. **O adulto não escolarizado e o registro da linguagem matemática**. In: Educação de adultos: ampliando horizontes de conhecimento. Ocsana Sônia Danyluk (org.). – Porto Alegre: Ed. Sulina, 2001.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GONSALVES, E. L. **Iniciação à pesquisa científica**. 2. ed. Campinas,SP: Alínes, 2001.

PILETTI, Nelson. **Ensino de 2. grau: educação geral ou profissionalização?**. São Paulo: EPU, 1988.

TIBALLI, E. F. A. **O fracasso escolar: a constituição sociológica de um discurso de um discurso**. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade de São Paulo.

WALLON, H. **As Origens do Caráter na Criança**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.